

A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

**Willian Douglas Guilherme
(Organizador)**

Atena
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Atena
Editora

Ano 2020



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Talys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Willian Douglas Guilherme

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

I61 A interlocução de saberes na antropologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-375-0

DOI 10.22533/at.ed.750201109

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 306

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste segundo Volume de “A Interlocação de Saberes na Antropologia” foram selecionados 18 artigos, o dobro do primeiro Volume, publicado em 2019. A intenção é ampliar o debate acadêmico por meio da divulgação dos resultados da pesquisa antropológica. Assim como no primeiro Volume, esta publicação mantém a característica crítica e direta que é a marca esta coletânea.

Os artigos trazem possibilidades diversas, discutindo dentro do viés antropológico, temáticas relativas aos saúde e povos indígenas, cultura, resistência negra e quilombos. Os artigos debatem seus objetos dialogando intensamente com o leitor, provocando, instigando a inquietação diante os resultados apresentados.

Ainda, temas como ciências da computação, processo judiciais, globalização, mudança no hábito alimentar e assédio sexual também são intensamente discutidos. É uma obra que precisa ser divulgada e referenciada.

Convido a navegarem pelo índice e desfrutarem do prazer desta leitura.

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ANTROPOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.7502011091	
CAPÍTULO 2	26
A FORMAÇÃO INTERCULTURAL DE GESTORES NO CAMPO DA SAÚDE INDÍGENA	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
Ana Paula Barbosa Alves	
Ariosmar Mendes Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011092	
CAPÍTULO 3	40
ANTROPOLOGIA NAS PERÍCIAS: APROPRIAÇÕES DA PESQUISA ANTROPOLÓGICA NO ÂMBITO DE PROCESSOS JUDICIAIS	
Cíntia Beatriz Müller	
DOI 10.22533/at.ed.7502011093	
CAPÍTULO 4	51
ASSÉDIO SEXUAL EM ESPAÇOS PÚBLICOS E O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL: A LEI Nº 13.718/2018	
Ester Rocha de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011094	
CAPÍTULO 5	63
CAIXA DE COMENTÁRIOS DOS JORNAIS ONLINE DE MATO GROSSO DO SUL: OPINIÕES EXPRESSAS A RESPEITO DOS POVOS INDÍGENAS	
Gabriel dos Santos Landa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011095	
CAPÍTULO 6	76
COMUNIDADES TRADICIONAIS E REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA NO SUL DO AMAZONAS	
Cloves Farias Pereira	
Thereza Cristina Menezes Cardoso	
Suzy Cristina Pedroza da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7502011096	
CAPÍTULO 7	89
CURSO DE GESTÃO EM SAÚDE COLETIVA INDÍGENA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Paula Barbosa Alves	
DOI 10.22533/at.ed.7502011097	

CAPÍTULO 8.....	104
DA NARRATIVA DE VIAGEM À NARRATIVA ETNOGRÁFICA: A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO E A AUTORIDADE CIENTÍFICA	
Eliane Miranda Costa	
DOI 10.22533/at.ed.7502011098	
CAPÍTULO 9.....	117
ECONOMIA, CONSUMO E ESCASSEZ DE RECURSOS NATURAIS: OS DESAFIOS DO MUNDO GLOBALIZADO	
Ariosmar Mendes Barbosa	
Marcos Antonio Braga de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.7502011099	
CAPÍTULO 10.....	130
HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE ORIGEM ALEMÃ DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC	
José Raul Staub	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110910	
CAPÍTULO 11.....	145
NOVAS CENTRALIDADES, NOVAS PERIFERIAS: NARRATIVAS DE FUGA NA FRONTEIRA ENTRE TERRITÓRIOS DA ZONA OESTE DE MONTEVIDÉU	
Romina Pedreira Cabrera	
Valeria Giménez Carratú	
DOI 10.22533/at.ed.75020110911	
CAPÍTULO 12.....	161
O CONCEITO DE CULTURA EM FOCO	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.75020110912	
CAPÍTULO 13.....	168
O HOME CARE DECIDIDO PELOS TRIBUNAIS: OUTRAS FACES E DILEMAS DA JUDICIALIZAÇÃO DA SAÚDE	
Luísa Paim Martins	
Leonardo do Amaral Pedrete	
DOI 10.22533/at.ed.75020110913	
CAPÍTULO 14.....	183
O IMPÉRIO DOS SIMULACROS E A COMIDA “FRANKENSTEIN”... TEM “GOSTO”, “CHEIRO” E “COR” DE FRUTA, MAS NÃO É FRUTA – UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA DOS SENTIDOS DO ATO ALIMENTAR	
Sophia Sartini Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.75020110914	

CAPÍTULO 15.....	204
OUTROS OLHARES SOBRE OS OUTROS: A PRESENÇA INCÔMODA DOS CORPOS MODIFICADOS EM <i>BLOGS</i> Juliana Abonizio DOI 10.22533/at.ed.75020110915	
CAPÍTULO 16.....	211
PROTAGONISMO E RESISTÊNCIA NEGRA NA REGIÃO DO MARUANUM/AP: EM BUSCA DE SABERES ANCESTRAIS Jamile Borges da Silva Tayra Fonseca Rezende DOI 10.22533/at.ed.75020110916	
CAPÍTULO 17.....	222
REPRESENTAÇÃO ETNOGRÁFICA E A NARRATIVA SUBALTERNA Adriana Elisa Bozzetto DOI 10.22533/at.ed.75020110917	
CAPÍTULO 18.....	229
RITUAL DE TOBÓSSIS: BANCADA, BARCO E INICIAÇÃO DAS PRINCESAS AFRICANAS Tayná do Socorro da Silva Lima DOI 10.22533/at.ed.75020110918	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	263
ÍNDICE REMISSIVO.....	264

CAPÍTULO 10

HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS FAMÍLIAS DESCENDENTES DE ORIGEM ALEMÃ DE SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC

Data de aceite: 24/08/2020

José Raul Staub

Universidade do Estado de Santa Catarina
São José-SC

Adelcio Machado dos Santos

UFSC
Florianópolis-SC

RESUMO: O presente artigo propõe uma discussão acerca da história da imigração alemã com ênfase a colonização germânica no território circunscrito a São Pedro de Alcântara. Para sua produção utiliza-se como referência os registros impressos e dados estatísticos oficiais que possibilitem compreender os aspectos socioculturais dos descendentes de origem alemã no contexto social da sociedade em vivem. O estudo revela fatos relacionados a imigração no que se refere a regulamentação do processo migratório, definição dos territórios destinados aos imigrantes uma perspectiva teórica que remete a história oral, bem como os registros em documentos, evidenciando a contribuição desses imigrantes e fomentando o reconhecimento e a memória da formação da nação brasileira.

PALAVRAS - CHAVE: Imigração, memória e origem alemã.

HISTORY AND MEMORY OF THE DESCENDING FAMILIES OF GERMAN ORIGIN OF SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA / SC

ABSTRACT: This article proposes a discussion about the history of German immigration with an emphasis on German colonization in the territory circumscribed to São Pedro de Alcântara. For its production, printed records and official statistical data that make it possible to understand the socio-cultural aspects of descendants of German origin in the social context of the society in which they live are used as a reference. The study reveals facts related to immigration with regard to the regulation of the migratory process, definition of territories for immigrants, a theoretical perspective that refers to oral history, as well as records in documents, highlighting the contribution of these immigrants and fostering recognition and recognition. memory of the formation of the Brazilian nation.

KEYWORDS: Immigration, memory and German origin.

1 | INTRODUÇÃO

A imigração dirigida de europeus para o Brasil iniciou-se a partir da vinda da Família Real para o Brasil em 1808, por ocasião das ameaças do exército napoleônico, que constituía a principal força militar da Europa nesse período e representava um grande perigo para a soberania do Reino Português. A abertura dos portos às nações amigas e o coroamento de D.

Pedro I e da Rainha Dona Leopoldina, de origem germânica, desencadearam a vinda dos europeus para o Brasil. A Dona Leopoldina fundou a Colônia de São Leopoldo – no Rio Grande do Sul. Na mesma época, a Inglaterra avançava fortemente na Revolução Industrial e, para desenvolver este processo, necessitava de mais matéria-prima e de mercado consumidor para os produtos. Durante o bloqueio continental imposto por Napoleão Bonaparte, os países colonizados da Ásia, África e América sustentaram o processo de industrialização inglesa (LANDO, 1980).

Um dos grandes obstáculos à expansão econômica dos países colonizadores do Continente Europeu consistia no baixo consumo e aquisição ou compra dos produtos industrializados por parte dos países colonizados, o que se devia, em grande parte, ao fato do regime escravocrata presente em várias colônias, o que fazia com que os seus trabalhadores não fossem remunerados e, portanto, sem potencial de consumo. Para suprir parte desta deficiência duas medidas foram adotadas: acabar com o trabalho escravo e, posteriormente, implementar um sistema alternativo de mão-de-obra dos trabalhadores. Com estas medidas, o Brasil tornou-se o cenário ideal para fomentar o capitalismo inglês. O Brasil possuía farta matéria-prima o abastecimento das indústrias, e numerosos portos, necessitava ainda melhorar a capacidade de consumo de produtos industrializados no país. Para tanto, entre outras medidas, limitaram-se às atividades não remuneradas e, para fomentar o consumo, introduziram os imigrantes predominantemente de origem europeia que vinham para o Brasil com a possibilidade de tornarem-se proprietários de terras e donos dos meios de produção, fato que provocava um grande entusiasmo principalmente dos imigrantes, especialmente aos Alemães e Italianos (LANDO, 1980).

Os primeiros imigrantes alemães chegaram a Santa Catarina em novembro de 1828, logo, no início da colonização, participando dela ativamente. O governo imperial brasileiro planejou implantar um modelo de agricultura com base na pequena propriedade familiar. Isso se observa na legislação imigratória brasileira, começando com contratos determinando a fundação da 1ª colônia, com imigrantes suíços, em 1819, fixados em Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro; e, acontecendo até os decretos-leis posteriores à 2ª Guerra Mundial: privilegiava-se a vinda de agricultores, subsidiando, em grande parte, a imigração destinada a projetos de colonização. Logo, a colonização de Santa Catarina, mormente depois de 1850, se efetivou mediante a concessão familiar de lotes com aproximadamente 25 (vinte e cinco) hectares, demarcados a partir de picadas abertas na floresta, chamadas “linhas” - muitos destes, acompanhando cursos d’água. O acesso à propriedade da terra, os subsídios assegurados pelos agenciadores em nome do governo brasileiro (passagens e auxílios para se manter em projetos coloniais), a liberdade religiosa e a concessão da naturalização motivaram a emigração para o

Brasil (CABRAL, 1960).

A primeira colônia de imigrantes alemães em Santa Catarina na localidade denominada São Pedro de Alcântara, surgiu em 1829 no vale do rio Maruí, no caminho de cargueiros que ligava São José, lugarejo próximo à capital Desterro, no litoral, à vila de Lages, no planalto serrano. São Pedro de Alcântara, a 190 (cento e noventa) anos, recebeu menos de mil indivíduos – 166 (cento e sessenta e seis) famílias oriundas da cidade hanseática de Bremen. Apesar dos diversos problemas originados por tal situação, ocorreu um processo histórico de formação de um campesinato teuto-brasileiro, cuja base econômica desenvolvidas em lotes coloniais familiares com produção diversificadora (policultura), resultando numa sociedade com peculiaridades distintas no meio rural brasileiro.

No que se refere às famílias de origem alemã de São Pedro de Alcântara, a mesma vincula-se à condição de seus integrantes no contexto de uma comunidade fundada no final do século XIX, a partir de um processo migratório que levou milhares de cidadãos de origem germânica para outros países, motivados entre outros, pela possibilidade de uma nova vida em um território desconhecido.

Em relação a origem étnica dessas populações, observa-se que os primeiros registros da imigração, os dados oficiais apontam que a vinda dos imigrantes alemães, a Santa Catarina se deu em novembro de 1828, juntamente com os imigrantes. A decisão do governo imperial brasileiro de implantar um modelo de agricultura com base na pequena propriedade familiar como se observa na legislação imigratória brasileira, começando com contratos determinando a fundação da 1ª colônia, com imigrantes suíços, em 1819, fixados em Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro; e, acontecendo até os decretos-leis posteriores à 2ª Guerra Mundial. Privilegiava-se a vinda de agricultores, subsidiando, em grande parte, a imigração destinada a projetos de colonização.

Logo, a colonização de Santa Catarina, mormente depois de 1850, se efetivou mediante a concessão familiar de lotes com aproximadamente de 25 (vinte e cinco) hectares, demarcados a partir de picadas abertas na floresta, chamadas “linhas” - muitos destes, acompanhando cursos d’água. O acesso à propriedade da terra, os subsídios assegurados pelos agenciadores em nome do governo brasileiro (passagens e auxílios para se manter em projetos coloniais), a liberdade religiosa e a concessão da naturalização motivaram a emigração para o Brasil (CABRAL, 1960).

2 I SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA/SC

A localização dos primeiros imigrantes alemães em Santa Catarina na colônia, denominada São Pedro de Alcântara, surgiu em 1829 no vale do rio Maruí,

no caminho de cargueiros que ligava São José, lugarejo próximo à capital Desterro, no litoral, à vila de Lages, no planalto serrano. São Pedro de Alcântara, a 190 (cento e noventa) anos, recebeu menos de mil indivíduos – 166 (cento e sessenta e seis) famílias oriundas da cidade hanseática de Bremen, deram origem a uma bela e tranqüila cidade com clima mesotérmico úmido, de temperatura médias entre 15°C e 25°C, a uma altitude de 300m acima do nível do mar e com área aproximada em 140,6km².

Apesar dos diversos problemas originados por tal situação, ocorreu um processo histórico de formação de um campesinato teuto-brasileiro, cuja base econômica desenvolvida em lotes coloniais familiares com produção diversificadora (policultura), resultando numa sociedade com peculiaridades distintas no meio rural brasileiro.

O abandono por parte do governo imperial fez com que os colonos alemães adotassem um estilo de vida próprio: tinham as suas próprias escolas – que nem eram inspecionadas pelo governo – traziam da Alemanha os seus próprios médicos, professores, padres, pastores e outros técnicos necessários para o bom funcionamento da colônia.

Para além da descrição do processo migratório, faz-se necessária a abordagem contemporânea acerca dos elementos que contribuem para a preservação da memória dos imigrantes utilizando entre outros o recurso da fotografia, para (BARTHES, 1984, p. 129) toda fotografia é “um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens”.

No âmbito dos grupos familiares, figuram com mais intensidade as proposições relacionadas à informação, sendo que desde o princípio da imigração dos alemães para o Brasil, são utilizadas diversas imagens fotografias e retratos que as famílias com características peculiares de acordo com cada época histórica a qual pertencem.

A preservação de objetos que remetem a memória da sociedade humana coexiste com a evolução caracterizada por ações, ágil e articulada, com redução dos níveis de hierarquia, que potencializam os processos que permitem ampliar a capacidade de progresso e preservação da memória.

O fascínio por registrar as imagens mais significativas vistas pelos olhos, interpretadas de várias maneiras, acompanha o desejo da humanidade ao longo de sua trajetória de vida, a ser observada nas inscrições rupestres, esculturas, monumentos, pinturas, brasões de família, fotografias e demais mecanismos desenvolvidos para marcar de maneira indelével momentos, paisagens, e outras representações presentes na construção humana e no espetáculo produzido pelas forças da natureza, segundo Benjamin (1987, p. 103), a fotografia encontra-se dentre

as obras de arte com expressiva contemplação, afirma que: “Nenhuma obra de arte é contemplada tão atentamente em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos, de nossos parentes próximos, de nossos seres amados”. A fotografia foi objeto de desejo de vários pesquisadores obstinados em vê-la em movimento nos mais diferentes lugares do mundo conhecido.

Ao considerar os documentos preservados pelos descendentes de famílias de origem alemã, uma vez que os documentos podem ser dos mais variados tipos, escritos ou não, os quais incluem diários, documentos de entidades públicas e privadas, gravações, correspondências, fotografias, filmes, mapas, etc. (GIL, 2008). A pesquisa documental apresenta similaridades com a pesquisa bibliográfica. Esta se embasa diretamente nas fontes científicas e materiais impressos e editados, como livros, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários, periódicos, artigos, teses, etc., ao passo que a pesquisa documental levanta materiais que ainda não foram editados, ou que não receberam um tratamento analítico suficiente, por exemplo, cartas, documentos cartoriais, memorandos, correspondências pessoais, avisos, agendas, diários, propostas, relatórios, atas, estudos, avaliações, etc. (GIL, 2008; MARTINS; THEOPHILO, 2009).

A partir de tais pressupostos, considerando sempre os registros da trajetória dos imigrantes, buscamos compreender a formação da identidade desse grupo que constitui importante parcela da população catarinense, destacadamente de São Pedro de Alcântara. Quanto a sua migração observamos ainda que a partir dos anos 1940 e décadas seguintes, os fluxos de entradas de estrangeiros no país apresentaram volumes bem abaixo daqueles que marcaram o período da Grande Imigração no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Um primeiro elemento para a reflexão acerca da construção de uma memória sobre a imigração pela historiografia reside no fato de que os estudos sobre o tema tiveram impulso justamente no período de refluxo da imigração para o país (LEAL; PAIVA, 214).

3 | HISTÓRIA E MEMÓRIA

História e memória sustentam muitas relações entre si, sendo difícil pensá-las separadamente. A memória toma as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; “graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro”, ou seja, “dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo. Esta, por sua vez, permite-nos compreender e combinar, de muitos modos, as fases em que dividimos o tempo, possibilitando-nos, por exemplo, perceber ‘o passado diante de nós’” (AMADO,

1995, p. 132).

Ao comentar sobre memória individual e coletiva, Halbwachs (1968, 51) destaca que, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Então:

Dessa massa de lembranças comuns, e que se apóiam uma sobre a outra, não são as mesmas que. aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social.

Para Candau (2012, p. 9),

[...] a memória é acima de tudo uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição do mesmo “a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um estar aqui que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele”. A ideia segundo a qual as experiências passadas seriam memorizadas, conservadas e recuperadas em toda sua integridade parece “insustentável”.

A memória coletiva constituiu-se a partir de um ambiente pleno de positivities, negatividades e contradições. Segundo Le Goff (1994, p. 476), “[...] a memória coletiva não é só uma conquista, é também um instrumento de poder”.

No Tocante a história oral, segundo Portelli (1997, p. 15), esta:

[...] é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito — assim como a sociologia e a antropologia — a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma.

A essencialidade do indivíduo se salienta no fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Logo:

A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos consultar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos

socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são — assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes — exatamente iguais (PORTELLI, 1997, p. 16).

A História Oral como uma arte do indivíduo, no descrever de Portelli (1997, p. 18):

[...] leva ao reconhecimento não só da diferença como também da igualdade. A diferença é, antes de mais nada, aquela entre as numerosas pessoas com quem conversamos, porém, compreende, também, o elemento de serem diferentes de nós — constituindo essa a razão primordial que nos motiva a procurá-las. Essa diferença, por sua vez, chama-nos a atenção para a realidade de os historiadores orais muito diferirem entre si e ainda para o fato de valorizarem essas diferenças, ou seja, sua não-conformidade com as ideias predominantes em nossa sociedade.

Tendo-se um interesse não apenas ético, mas também profissional no processo, o trabalho cultural precisa criar as condições políticas para sua diferença e existência, como afirmou Bosio (1985, p. 186):

A fim de preservar sua não-integração, o **trabalho cultural** é levado a criar as armas que asseguram sua própria sobrevivência. O trabalho cultural toma-se, obrigatoriamente, luta política: por necessitar de autodefesa e por ser a luta política a mais elevada forma de trabalho cultural.

Para Montenegro (2012), a história oral, frequentemente, é tida para tratar temas contemporâneos ou da chamada história do tempo presente e mesmo relacionada a outras temporalidades, destacando-se os textos que se referem às tradições orais, abordando temas relativos ao presente dos pesquisadores (e daí sua articulação com várias áreas do conhecimento).

Nesse sentido,

[...] a história que lida com relatos orais deve procurar ampliar os aportes teóricos que dão amparo às discussões e sistematizações dos procedimentos de análise próprios ao seu uso e às suas peculiaridades como fonte documental, sem, no entanto, submergir em infundáveis 'considerações teóricas' (MONTENEGRO, 2012, p. 16).

Albuquerque Júnior (2007, p. 230) esclarece:

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá sempre um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos.

Ao ser incorporada nas universidades, a história oral passou por um rigoroso

repensar de seus referenciais teóricos e de seus procedimentos metodológicos, o que, segundo alguns autores, conduziu-a a um distanciamento de seus projetos políticos iniciais. Os praticantes dessa metodologia, segundo Schmidt (2012, p. 84), tiveram:

[...] que incorporar à sua formação e à sua bagagem, por exemplo, os debates sobre memória e sobre suas complexas relações/tensões com a história; tiveram também que discutir os aspectos narrativos das falas que “colhiam”, ficando atentos não só – e talvez não preponderantemente – ao conteúdo empírico delas, mas igualmente à sua formulação como discurso, aos seus encadeamentos lógicos e semânticos, à sua função de produtoras de sentido. Dessa caminhada resultaram, a meu ver, os melhores trabalhos de história oral, ou que empregaram de forma substantiva essa metodologia, surgidos nas últimas décadas.

A partir dos anos 1940 e décadas seguintes, os fluxos de entradas de estrangeiros no país apresentaram volumes bem abaixo daqueles que marcaram o período da Grande Imigração no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Um primeiro elemento para a reflexão acerca da construção de uma memória sobre a imigração pela historiografia reside no fato de que os estudos sobre o tema tiveram impulso justamente no período de refluxo da imigração para o país (LEAL; PAIVA, 214).

No tocante a preservar a memória,

A memória está em voga não só como tema de estudo entre especialistas. Também a memória como suporte dos processos de identidade e reivindicações respectivas está na ordem do dia. Estado (principalmente por intermédio de organismos documentais e de proteção ao patrimônio cultural), entidades privadas, empresas, imprensa, partidos políticos, movimentos sociais, de minorias e marginalizados, associações de bairros, escolas e assim por diante, todos têm procurado destilar sua auto-imagem – mas, raramente e com dificuldade, a da sociedade como um todo. Palavras-chave são resgate, recuperação e preservação – todas pressupondo uma essência frágil que necessita de cuidados especiais para não se deteriorar e não ou perder uma substância preexistente (MENEZES, 1999, p.12)

Tendo apresentado breve concepção sobre história, memória e história oral, a seguir descreve-se sobre o resgate e preservação a memória concernente ao tema proposto, qual seja, relatar o processo de imigração de alemães ao Brasil, com destaque a autoimagem das famílias descendentes de origem alemã em São Pedro de Alcântara/SC.

O processo de imigração está intimamente ligado à escravidão, uma vez que o regime escravocrata impedia o crescimento do fluxo imigratório. As leis da época

não permitiam escravos negros e imigrantes brancos em uma mesma colônia. Por isso, os imigrantes foram assentados nas terras devolutas, principalmente no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, enquanto a atividade escravocrata foi direcionada para as regiões Norte e Nordeste do Brasil (Lei nº. 514, 1948). Com a decadência do ciclo da cana-de-açúcar, o café passou a ser o sustentáculo da economia brasileira e os fazendeiros do café perceberam que o regime de trabalho escravo tornou-se antiquado e oneroso para os latifundiários. Portanto, com essas medidas, o Brasil passou a atender as principais exigências do capitalismo mundial: passou a consumir, em grandes quantidades os produtos industrializados e tornou-se o grande exportador de matéria-prima para suprir com matéria prima as indústrias dos países ricos. O Brasil, por possuir um sistema privilegiado com vantagens oferecidas pelo governo, foi uma alternativa para os agricultores alemães. O governo brasileiro estava interessado na ocupação das terras devolutas no Sul do Brasil e, para ocupar esses espaços, a preferência era dada aos alemães e italianos. Essa preferência se justificava pelo estado de guerra em que se encontrava Portugal com outros países, bem como pelo casamento de Dona Leopoldina, de origem alemã, com D. Pedro I de origem portuguesa. Outra razão se deve ao fato de italianos e alemães serem reconhecidos como hábeis agricultores, conhecedores das técnicas de plantio, colheita, bem como da criação de animais como suínos, ovinos, bovinos e aves. No ano de 1824, chegaram as primeiras levas de imigrantes alemães a São Leopoldo/RS. Esses imigrantes demonstraram capacidade de gerir a pequena propriedade com mão-de-obra familiar, eram autônomos na produção de alimentos, cujo excedente era comercializado para as demais regiões do Brasil, principalmente para os latifúndios, onde predominava a atividade escravocrata (LANDO, 1980).

Nesse sentido, transcreve-se ordem expedida por D. João à Mesa do Desembargo do Paço, para que essa a executasse:

Sendo conveniente ao meu real serviço e ao bem público, aumentar a lavoura e a população, que se acha muito diminuta neste Estado; e por outros motivos que me foram presentes: hei por bem, que aos estrangeiros residentes no Brasil se possam conceder datas de terras por sesmarias pela mesma forma, com que segundo as minhas reais ordens se concedem aos meus vassallos, sem embargo de quaisquer leis ou disposições em contrário. (BRASIL, 1891, p. 166).

Para tanto, esta nova política de ocupação do território, estendia aos estrangeiros, segundo Mendonça (2015, p. 208):

[...] a possibilidade de obter sesmarias por concessão do Príncipe Regente, que, então, governava o Império português. A partir daí, segundo a interpretação corrente, instituiu-se na América portuguesa e, posteriormente, no Brasil, uma clara política de incentivo à imigração orientada pelo objetivo de ocupar o território, desenvolver a

agricultura e incrementar a produção de gêneros de abastecimento. Assim, colonização e imigração passaram a ser ações estreitamente relacionadas e orientaram a criação de diversos núcleos: durante o Governo Joanino, Nova Friburgo, formada por migrantes suíços na Serra Fluminense; no Primeiro Reinado, em 1828, São Leopoldo, Três Forquilhas e Torres, no Rio Grande do Sul, com colonos alemães que, em 1829, também foram fixados nos núcleos de Santo Amaro e em Rio Negro, que à época fazia parte de São Paulo e, posteriormente, foi integrada à província do Paraná; São Pedro de Alcântara e Itajaí, em Santa Catarina.

Na fase posterior, os imigrantes instalaram-se pelos vales dos rios Taquari, Caí e dos Sinos, além de São Leopoldo, Novo Hamburgo e Erechim, no Rio Grande do Sul, São Pedro de Alcântara, Blumenau, Brusque e Itajaí, em Santa Catarina, e Rio Negro, no Paraná. De um modo geral, os alemães ficaram abandonados à própria sorte dependendo basicamente de suas iniciativas para superar as adversidades e carências das mais variadas naturezas. As áreas destinadas à colonização localizavam-se em regiões de difícil acesso, o que dificultava o transporte de gêneros de subsistência aos eventuais mercados consumidores. O ensino público era outro desafio a ser superado nas localidades em formação e desenvolvimento. O Dr. Hillibrand, diretor geral da Província de São Leopoldo, em seu relatório, em 1854, referiu-se às condições do ensino público afirmando que em toda a vila existiam apenas três escolas públicas e vinte e sete particulares, das quais apenas uma ensinava português (LANDO, 1980).

Esse abandono fez com que os colonos alemães adotassem um estilo de vida próprio: tinham as suas próprias escolas – que nem eram inspecionadas pelo governo – traziam da Alemanha os seus próprios médicos, professores, padres, pastores e outros técnicos necessários para o bom funcionamento da colônia. Para além da descrição do processo migratório, faz-se necessária a abordagem contemporânea acerca dos elementos que contribuem para a preservação da memória dos imigrantes utilizando entre outros o recurso da fotografia, para (BARTHES, 1984, p. 129) toda fotografia é “um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens”.

A exemplo de outras grandes mudanças ocorridas no final de séculos anteriores, este princípio de século apresenta profundas alterações da vida em sociedade. Este fenômeno que tem marcado tão profundamente a época em que se vive, sobretudo com o avanço das tecnologias de comunicação e informação.

Na atualidade, vários aspectos relacionados à comunicação envolvendo o uso das imagens influenciam direta ou indiretamente o nosso dia-a-dia, como no trabalho, nas relações econômicas, no lazer, entre tantos outros. A maneira pela qual tais influências adentram no cotidiano é diversa, como por exemplo, na rede mundial de computadores, na televisão, em especial os telejornais que informam

eventos ocorridos no mundo inteiro, e, dependendo do seu grau de importância transmitindo-os ao vivo.

No âmbito dos grupos familiares, figuram com mais intensidade as proposições relacionadas à informação, sendo que desde o princípio da imigração dos alemães para o Brasil, são utilizadas diversas imagens fotografias e retratos que as famílias com características peculiares de acordo com cada época histórica a qual pertencem.

A preservação de objetos que remetem a memória da sociedade humana coexiste com a evolução caracterizada por ações, ágil e articulada, com redução dos níveis de hierarquia, que potencializam os processos que permitem ampliar a capacidade de progresso e preservação da memória.

O fascínio por registrar as imagens mais significativas vistas pelos olhos, interpretadas de várias maneiras, acompanha o desejo da humanidade ao longo de sua trajetória de vida, a ser observada nas inscrições rupestres, esculturas, monumentos, pinturas, brasões de família, fotografias e demais mecanismos desenvolvidos para marcar de maneira indelével momentos, paisagens, e outras representações presentes na construção humana e no espetáculo produzido pelas forças da natureza, segundo Benjamin (1987, p. 103), a fotografia encontra-se dentre as obras de arte com expressiva contemplação, afirma que: “Nenhuma obra de arte é contemplada tão atentamente em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos, de nossos parentes próximos, de nossos seres amados”. A fotografia foi objeto de desejo de vários pesquisadores obstinados em vê-la em movimento nos mais diferentes lugares do mundo conhecido.

No início do século XXI as tecnologias digitais começam a ser vistas e usadas mais intensamente numa outra perspectiva especialmente de nitidez e agilidade, deixando assim, de serem vistas como meras ferramentas que tornam mais eficientes para assumir o protagonismo. “O analfabeto do Futuro não será quem não sabe escrever, e sim aquele que não sabe fotografar” (BENJAMIM, 1987, p. 107). Neste sentido, cabe ressaltar a importância de conhecer a evolução dos equipamentos e técnicas de fotografia.

Ao considerar imagens, retratos e fotografias como elemento estruturante da pesquisa, com o objetivo de expressar a diversidade da cultura das famílias de origem alemã nos processos de imigração. Nessa perspectiva busca-se realizar a recuperação das características e representações que e o mundo contemporâneo, motivado sobretudo pelo desenvolvimento acelerado na esfera da produção da informação e do conhecimento, associadas a utilização das novas tecnologias da comunicação, vêm exigindo que as organizações educativas reconstruam seus conceitos, acompanhando a dinâmica e as características deste novo tempo.

A fotografia surgiu cara e trabalhosa. As chapas metálicas do daguerreótipo.

A calotipia, desenvolvida por William Henry Talbot, que passou a usar papel como suporte ao invés de chapa metálica, e que gerava um negativo, do qual era possível fazer cópias positivas. A *carte cabinet*, criado na Inglaterra em 1866, que tinha o mesmo tipo de apresentação em um tamanho superior. Já, as primeiras décadas do século XX, a Europa passava por uma efervescência criativa. “Nesta altura, o equipamento fotográfico, muito mais leve e acessível, podia ser manuseado por qualquer pessoa, o que resultou numa proliferação de imagens em todo o mundo, com diferentes finalidades” (HOFFMANN, 2015, p. 52).

Segundo Hoffmann (2015, p. 53-54), a imagem fotográfica informa sobre os fatos, cenários e personagens da vida real, ela, “entretanto não substitui a realidade. Além disso, ela não se basta por si, o exame das fontes fotográficas deve ser alimentado de informações escritas de diferentes naturezas, tanto as contidas nos arquivos oficiais quanto a dos particulares”.

Segundo Kossoy (2012, p. 83):

É um engano pensar-se que o estudo da imagem enquanto processo de conhecimento pode abdicar do signo escrito. Esclarece bem esse ponto Jean Keim quando afirma: Se a foto julga-se um documento e quer se apresentar como tal, as informações escritas são de primordial importância. Esta verdade elementar é frequentemente esquecida pelos que consideram que a fotografia basta-se em si mesma. Portanto, tais informações são indispensáveis em todos os casos, seja quando a imagem é utilizada num trabalho de pesquisa, seja para fins educativos, seja para denunciar uma situação a título de informação.

Em uma nova forma de produção, a fotografia possibilita que cada família construa uma crônica visual de si mesma ao produzir suas próprias imagens. Imagens essas que, segundo Silva (2008, p. 89):

[...] devem ser vistas pelos outros no futuro como testemunho de suas experiências. Por isso, pessoas despojadas de seu passado, como os/as imigrantes nesse estudo, parecem se converter em veementes tiradores de fotos, tanto em seu país como no exterior, pois a foto lhes permite tanto tomar posse do passado quanto de um espaço em que se sentem inseguras por não ser familiar. Esse é o elo de ligação que conecta a fotografia à imigração. Ela ajuda os indivíduos a se reconhecerem como pertencentes a uma determinada cultura, que, mesmo longe, legitima a criação de regras de conduta e valores éticos e estéticos. São sujeitos portadores de experiências culturais que selecionam momentos específicos para serem registrados, configurando memórias individuais e coletivas.

Por essa razão a convergência da mudança, evolução histórica e tecnológica, tem-se entrado em “um padrão puramente cultural de interação social e organização social [...]. Isso é o começo de uma nova existência, e quase o começo de uma nova

sociedade, marcada pela plena autonomia da cultura em relação as bases materiais de nossa existência” (CASTELLS, 1996, p. 29).

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos do processo de Colonização de uma região, evidenciam-se na transformação da paisagem natural, no desenvolvimento dos setores produtivos com base no setor primário da economia, na criação de núcleos urbanos de pequeno e médio porte com ou sem a infraestrutura para atender as demandas sociais, frequentemente denunciam as necessidades que manifestam- se nos diferentes campos sociais que clamam por melhorias.

O presente artigo evidencia aspectos da bravura dos pioneiros que adentraram a mata enfrentando dificuldades de toda ordem que se inicia pela ausência de acesso as áreas a serem colonizadas, no qual os caminhos foram abertos pelos braços fortes de homens e mulheres que alimentavam o desejo de construir um local para viver que lhes permitisse uma vida digna e um futuro do qual pudessem se orgulhar e deixar seu legado as próximas gerações.

A história e memória dessas pessoas, pioneiras e seus descendentes, sustentam muitas relações entre si, sendo difícil pensá-las separadamente, por isso a necessidade de se observar e analisar o conjunto. A memória toma as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria-se o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; ao considerar essa capacidade possibilita-se a projeção para o despertar da consciência que nós, humanos, temos do tempo passado e presente.

Por fim, considerando que a preservação da memória da sociedade humana coexiste com a evolução caracterizada por ações ágeis e articuladas, que potencializam os processos que permitem ampliar a capacidade de progresso da sociedade e a preservação da memória de São Pedro de Alcântara e ou outras localidades, contribuem com a diversidade cultural da população de uma determinada região.

Nesse sentido, busca-se contribuir para recuperar e preservar as características e representações em um mundo contemporâneo, motivado pelo desenvolvimento acelerado na esfera da produção da informação e do conhecimento, associadas a utilização das novas tecnologias da comunicação. Este contexto vem exigindo que as organizações reconstruam seus conceitos, acompanhando a dinâmica e as características deste novo, que procura reconhecer e valorizar as experiências individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Fontes Oraís – a história dentro das histórias, p. 155 a 202. In: **PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). Fontes históricas**, 2.ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história**. Bauru: Edusc, 2007.
- AMADO, Janaína. **O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral**. Brasília: Goethe, 1985.
- BARTHES, Roland. **A Câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. Matéria e Memória. **Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo. Martins Fontes, 1990.
- BRASIL. **Lei nº. 514**, de 28/10/1848, Art. 16 In: Coleção das Leis do Império. Tipografia Nacional, 1949, Tomo 10, parte 1.
- BRASILEMANHA. Uma história de sucesso – A imigração alemã em Santa Catarina. Disponível em: <http://www.brasilemanha.com.br/novo_site/noticia/uma-historia-de-sucesso-a-imigracao-alema-em-santa-catarina-por-prof-girarda-seyfehr/7939>. Acesso em out. 2018.
- CABRAL, Oswaldo R. **Brusque. Subsídios para a história de uma colônia nos tempos do império**. Brusque, Ed. SAB, 1960.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. Paris: Presses, 1968.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOFFMANN, Maria Luísa. **Fragmentos da história: o uso da fotografia para a recuperação e a preservação da memória de Londrina**. 2015. 465f. Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação. São Paulo. 2015.
- LANDO, Aldair M.; BARROS, E. C. R. S. **Imigração & colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- LE GOFF, Jacques, 1924. História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).
- _____. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1994.

LEAL, Elisabete; PAIVA, Odair da Cruz (orgs.). **Patrimônio e história**. Londrina: Unifil, 2014.

MARTINS, G. A.; THEOPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTHEWS, E. Compreender Merleau-Ponty. Petrópolis-RJ : Vozes, 2010.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Revisitando a história da imigração e da colonização no Paraná provincial. **Antíteses**, v.8, n.16, p.204-226, jul./dez. 2015.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia L. (Org.). **Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral, desigualdades e diferenças**. Recife: UFPE, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na história oral**. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>>. Acesso em out. 2018.

SCHMIDT, Benito Bisso. História oral, memória, subjetividade. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral, desigualdades e diferenças**. Recife: UFPE, 2012.

SILVA, Denise Teresinha da. **Fotografias que revelam imagens da imigração: pertencimento e gênero como faces identitárias**. 2008. 202f. Tese apresentada à Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Ciências da Comunicação. São Leopoldo. 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 67, 76, 77, 82, 87

Amazônia 39, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 102, 112, 231, 258, 259

Antropologia 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 32, 39, 40, 41, 42, 44, 49, 50, 63, 75, 88, 104, 106, 107, 108, 109, 113, 115, 116, 117, 135, 161, 162, 164, 166, 167, 181, 183, 202, 210, 213, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 247, 256, 259

Assédio 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 62

Autoridade 41, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 173, 226

C

Centralidade 43, 145, 164, 170, 179, 211, 214, 218, 219, 220

Comunidades 22, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 45, 65, 71, 76, 77, 81, 82, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 157, 158, 183, 188, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 233

Consumo 33, 98, 99, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 131, 184, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 198, 199, 200, 205

Cotidiano 11, 21, 34, 59, 89, 90, 91, 100, 128, 139, 163, 184, 189, 192, 197, 202, 204, 206, 215, 216, 218, 220, 222, 227, 229, 232, 256

Cuidado 99, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 178, 179, 192

Cultura 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 24, 25, 28, 39, 65, 66, 67, 68, 73, 75, 95, 101, 102, 106, 107, 108, 110, 114, 126, 140, 141, 142, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 185, 187, 188, 189, 190, 191, 200, 201, 207, 208, 209, 210, 211, 218, 221, 222, 223, 224, 226, 228, 231, 236, 247, 258, 259, 260

Cultural 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 31, 34, 35, 38, 39, 43, 44, 46, 73, 91, 92, 94, 95, 104, 105, 109, 114, 115, 116, 130, 136, 137, 141, 142, 145, 149, 150, 152, 156, 160, 161, 163, 165, 166, 167, 181, 184, 187, 188, 193, 207, 208, 213, 218, 226, 233, 234, 236, 248, 253, 258, 259

D

Decisões judiciais 168, 170, 171, 172, 173, 179, 182

Digital 63, 167

E

Economia 4, 11, 73, 75, 83, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 138, 142, 172, 179, 184, 186, 195

Educação 13, 16, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 74, 88, 89, 90,

91, 92, 93, 97, 99, 101, 102, 126, 128, 161, 162, 164, 166, 167, 189, 191, 192, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 213, 221, 263

Epistemologia 1, 2, 23, 108, 114

Escrita 42, 44, 45, 48, 91, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 199

Estigma 204

Estudantes 1, 2, 3, 4, 9, 29, 33, 38, 89, 90, 94, 95, 96, 100, 101, 222

Etnografia 5, 19, 42, 49, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 222, 223, 224, 227, 229, 230, 231, 232, 236, 241, 245, 256, 258

Evitação 171, 204

F

Fronteira 76, 77, 81, 84, 87, 88, 143, 145, 215

G

Gestão 26, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 50, 75, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 103, 171, 172

Globalização 117, 119, 123, 125, 128, 218, 219

H

Home care 168, 169, 171, 172, 173, 178, 179

I

Identidade 11, 12, 23, 24, 30, 32, 34, 44, 49, 50, 61, 66, 74, 109, 121, 134, 137, 143, 164, 205, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 229, 234, 244, 248, 253, 259

Imigração 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144

Interatividade 69, 161, 163

Interculturalidade 26, 28, 29, 31

Interlegalidade 40, 50

L

Lei 32, 37, 39, 51, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 79, 83, 102, 119, 138, 143, 171, 175, 177, 200, 201, 248, 260

M

Memória 11, 130, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 190, 195, 198, 215, 220, 221, 241

N

Narrativas 9, 11, 12, 23, 40, 41, 105, 106, 112, 113, 114, 145, 146, 151, 153, 155, 157, 158, 159, 188, 214, 222, 225

O

Origem 16, 46, 48, 59, 64, 130, 131, 132, 133, 134, 137, 138, 140, 163, 164, 181, 195, 216, 222, 223, 227, 242

P

Povos indígenas 26, 27, 28, 29, 32, 34, 36, 39, 63, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 90, 91, 92, 94, 95, 97, 98, 101, 102

Q

Quilombo 44, 46, 47, 211, 213, 214, 217, 220, 221

Quilombolas 40, 44, 46, 47, 49, 83, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 220

R

Reinvenção 127, 180, 215, 229, 244, 259

Religião 15, 229, 230, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 258, 259

Religiões 70, 229, 236, 237, 245, 246, 247, 248, 249, 257, 259

Resistência 9, 17, 77, 91, 101, 111, 211, 215, 216, 217, 218, 219, 259

S

Saberes 1, 2, 13, 22, 23, 24, 29, 31, 37, 38, 93, 94, 108, 116, 183, 211, 212, 215, 216, 217, 218, 219, 226

Saúde 26, 29, 30, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 67, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 126, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186, 187, 190, 191, 196, 197, 199, 200, 201, 209

Saúde indígena 26, 30, 36, 37, 39, 89, 93, 94, 95, 98, 99, 101, 102

Segregação 145

Simulacros 183, 194, 195, 201

Subalternidade 60, 109, 214, 222, 225, 226

T

Tecnologia 12, 63, 120, 161, 162, 193

Terra 35, 43, 48, 63, 64, 67, 73, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 97, 98, 104, 105, 106, 116, 120, 123, 131, 132, 191, 207, 216, 221, 237, 241, 242, 250, 258, 259, 260

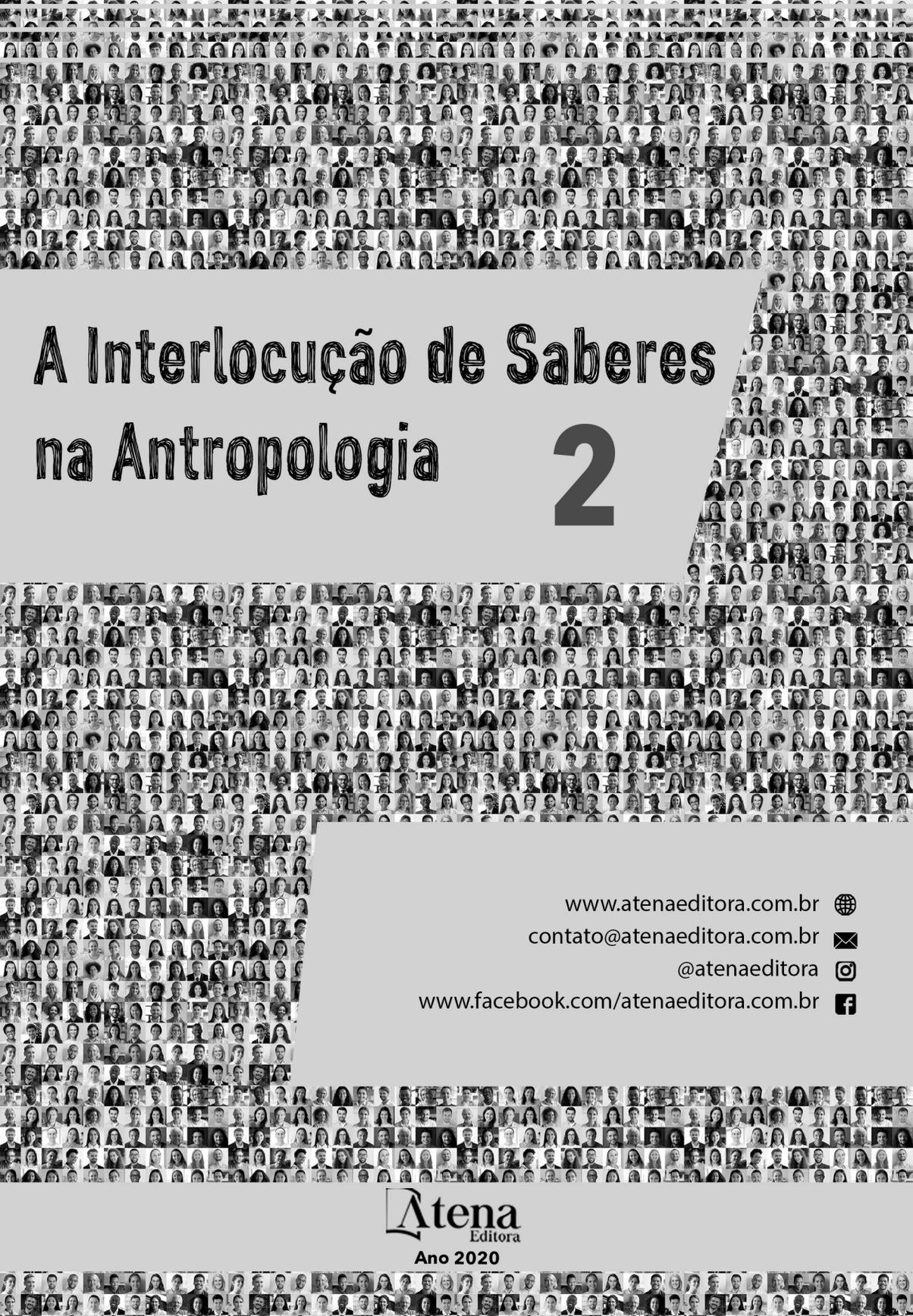
Território 34, 43, 44, 64, 65, 88, 89, 92, 101, 130, 132, 138, 145, 165, 220, 223

Tradição 7, 18, 143, 164, 216, 218, 226, 229, 231, 234, 235, 237, 242, 244, 251,

253, 254, 258

U

Universidade 1, 2, 3, 4, 7, 9, 22, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 38, 39, 51, 76, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 117, 129, 130, 143, 144, 161, 179, 182, 183, 201, 203, 204, 211, 221, 222, 229, 230, 259, 260, 263



A Interlocução de Saberes na Antropologia

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020



A Interlocução de Saberes na Antropologia 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020